

A Mesa da Palavra explicada

Diácono José Luís

Domingo II do Tempo Pascal – Ano C – 27.04.2025 **Domingo da Divina Misericórdia**

1ª leitura – Atos 5, 12-16

Salmo - Salmo 117 (118)

2ª leitura – Apocalipse 1, 9-11a, 12-13, 17-19

Evangelho – João 20, 19-31

Irmãos e irmãs na fé em Jesus, o ressuscitado, o penhor da misericórdia e do amor infinito de Deus pela humanidade.

Hoje vivemos o Domingo da Divina Misericórdia. Após o Domingo da festa, da alegria da ressurreição, somos chamados a pensar nos efeitos da festa. Que mudou na nossa relação com Deus, depois da ressurreição? Que descobrimos em Jesus que nos faz conhecer melhor o Pai? A misericórdia divina, o amor eterno. Em Jesus e através de Jesus realiza-se a nova aliança de Deus com a humanidade: Jesus tomou de nós a nossa condição humana e em troca comunicou-nos a Sua condição divina: ao perdoar-nos, torna-nos filhos e filhas de Deus. A misericórdia de Deus para conosco garantiu-nos a vida eterna, a salvação da morte, do fim absoluto e definitivo.

Mas a Jesus não o satisfaz que aguardemos parados essa outra vida gloriosa junto de Deus. Por isso quer que participemos no Seu projecto de construção do Reino de Deus. Convida-nos a aceitar a missão e diz-nos “Assim como meu Pai me enviou, assim eu vos envio a vós”. E poderia ter dito: Ide e sede misericordiosos como o vosso Pai do Céu é misericordioso.

É um pedido muito difícil de aceitar. Aceitar e pô-lo em prática na nossa vida, todos os dias, só muito poucos conseguiram. Foram tomados por loucos, mas viveram felizes e espalharam felicidade. Eu acredito que Jesus sabe isso. Ele conhece a nossa natureza humana, capaz ao mesmo tempo do amor e do ódio. Do arrependimento e de pecar de novo. Por isso é tão maravilhosa a misericórdia, o amor de Deus, que como um Pai nos perdoa e volta a perdoar infinitas vezes, tantas quanto infinito é o mal no mundo.

Por saber isso, Jesus não escolheu sábios nem perfeitos para seus discípulos. Escolheu doze homens simples, com defeitos, ambiciosos, cobardes, desconfiados, um deles até foi capaz de o trair. No Evangelho deste Domingo, um encontro de Jesus ressuscitado com os discípulos confirma-nos a natureza humana, imperfeita dos escolhidos

Nós inventamos os Santos para nos aproximarmos de Deus e apelamos para eles nas aflições, quando pensamos que Deus está distraído. Hoje penso em Jesus a apelar para a “Santa Ignorância”, como às vezes rogamos quando alguém junto de nós ou nós próprios não conseguimos entender o que o mundo à nossa volta nos quer dizer.

Jesus andou com os discípulos três anos. Ensinou-os, fez milagres na sua presença, falou-lhes do que Lhe ia acontecer, falou-lhes da ressurreição, mostrou-lhes nas Escrituras como já estava anunciado pelos profetas tudo o que Lhe sucederia. Mas eles, não entenderam.

E um dos mais difíceis de convencer, dos mais parecidos conosco foi Tomé, dito o Gémeo.

Não acreditou e exigiu tocar para acreditar. Só os olhos não chegavam: os coxos andam, os cegos vêem, a boa nova é anunciada, mas Tomé não percebeu.

Quando Jesus volta, Tomé não precisou de tocar. Porque é que não precisou de tocar ? Que viu ele ? Viu as feridas, as marcas do sofrimento e da morte. E compreendeu como essas feridas se tornaram a humanidade de Jesus glorificada. Percebeu o quanto essas feridas eram enormes marcas de amor, de entrega, de humanidade.

“Assim eu vos envio a vós”. Quando nós, cristãos, fomos capazes de viver de maneira que os outros vejam em nós as marcas da entrega, as feridas do sofrimento aceite pelos outros, a aceitação livre e total do que é diferente, a morte do eu egoísta, insensível, aí, eles dirão como Tomé: “Meu Senhor e meu Deus”. E acreditarão.

Nesse dia o mundo será mais humano e começaremos a construir o Reino de Deus, a eliminar a desumanização que destrói e perverte a humanidade e a criação. Os nossos irmãos e irmãs que vemos em todo e lado e que esses sim, precisamos de tocar com carinho e compaixão.

Despedimo-nos nestes dias do nosso querido Papa Francisco. Mesmo os não crentes reconheceram a sua grande humanidade e o seu contributo para um mundo mais fraterno e justo. Porque ele levou a sério o Evangelho e sentiu a alegria de o viver. De tocar com sincera compaixão os mais abandonados por esta sociedade onde o humano cada vez conta menos contra o poder e o dinheiro. Honremos a sua memória procurando praticar a fraternidade que ele nos ensinou, com todos, todos, todos.

“Felizes os que acreditam sem terem visto”: fomos enviados a anunciar Jesus e não a julgar a fé de ninguém. Por isso também a misericórdia de Deus é infinita. De quantos irmãos e irmãs nossas desconhecemos a fé e a quantos Deus não continua a enviar o Seu Espírito ?

Peçamos-Lhe que nos guarde a todos no Seu amor .

Amén

José Luís